



1) As perspectivas teóricas sobre as quais refletirei serão as elaboradas por Karl Marx e ~~Max~~ ^{Max} Weber.

O autor alemão demonstra que o poder ^{político} está absolutamente associado aos grupos que detêm poder econômico. A política estatal é, para ele, um "comitê de burgueses" de modo a manter as convenções que garantem benefícios e privilégios às classes dominantes. Compreendendo a luta de classes como "motor da história", para mudar esta realidade observável em qualquer país capitalista, por-x-ia necessário que a classe operária se levante contra este modelo de Estado burguês via movimento revolucionário.

Para Marx, a fim de impuser os modelos criados do sistema de acumulação capitalista, é imprescindível que os trabalhadores tenham à frente do aparelho estatal. Em Marx, é possível notar que a política é algo constante e indissociável do vida humana, pois todo espaço (com ênfase no mundo do trabalho) é lugar de disputas ideológicas, de tomada de consciência e de exemplos para os empreendimentos.

O segundo autor citado, Max Weber, nos oferece contribuições importantes para compreender a política, pois o mesmo fala de vários poderes e domínios, faz referências ao uso de força pelo Estado e cria categorias para explicitar em detalhes o conceito de domínios.

Weber aponta a importância da existência de uma burocracia estatal no sentido de que se deve buscar a racionalidade, a organização, garantindo certo nível de formalidade e impessoalidade na gestão da ~~gestão~~ ^{gestão} pública.

Com as reflexões weberianas, pode-se compreender que há três grandes tipos de poder, quais sejam: o político, o ideológico e o econômico e que estes podem estar associados uma única pessoa/instituição. Quanto à dominação, ele enumera três tipos: a racional-legal, a tradicional e a carismática e, a partir disso, é possível analisar as lideranças que chegaram ao poder em diferentes momentos da história.

É, exatamente quando as lideranças chegam ao poder por meios legítimos, exercendo portanto uma dominação racional-legal é que o questionamento sobre

O uso do force seria necessário ou não, seja ela para conter a violência ou para reprimir movimentos sociais.

2) A intervenção militar que está implantada no estado do Rio de Janeiro recebeu bastante ênfase nos meios de comunicação e na mídia e tem passado o discurso ideológico diamantino.

Os dois autores mencionados na questão anterior podem colaborar para leitura desta intervenção. De fato, Weber nos aponta que o Estado é quem detém o poder legítimo do uso de violência, entretanto, um dos principais pontos a ser questionado é quanto a legitimidade dos governantes em exercício, tanto no Estado do Rio de Janeiro quanto no âmbito federal. Supostamente, a chapa Collor-Peçanha teria chegado ao poder de forma lícita e a reelaboração de Luiz Fernando Peçanha também ocorreu dentro do previsto em lei. Entretanto, é de conhecimento geral que as relações entre grandes empresários e o PTB fluminense extrapolaram o "mimo" clientelismo, haja vista que as próprias, a ausência de limites, as outras super-funções já foram desmascaradas ^{judicialmente} e que cobra em regras e próprio mandato do atual governador.

O chefe do executivo federal, apesar de ex vice da antiga presidente, também teve seu ingresso no atual cargo cercado de polêmicas controversas. Muitos especialistas defendem que a Srª Dilma Rousseff nos tenha cometido crimes de responsabilidade formal e o que se viu foi a extrema judicialização do processo que deveria ser no âmbito político.

Tanto no caso estadual como federal, é possível perceber a forte influência dos grandes empresários, seja nos financiamentos das campanhas, nos casos de compra, no investimento realizado nas manifestações contra o governo de Dilma, de modo que além de observarmos o uso do force e a questão de legitimidade dos governos, vemos o quanto os empresários brasileiros conseguem direcionar ~~uma~~ grande parte do vida pública e do aparelho estatal, bem como o próprio Brasil.

Em um país como o Brasil, com tanta pouca experiência democrática, na conduta de república, é bastante preocupante vivenciar mais uma intervenção militar.

3) Para o 1º ano do Ensino Médio, com pouca familiaridade com a Sociologia, acredito que atividades dinâmicas possam ser mais atrativas e elucidativas.

Diante dos importantes debates sobre política, direitos e democracia que se tem visto no Brasil, nos últimos dois anos, o conceito escolhido foi o de democracia e o tema a ser trabalhado em uma aula ^(de 50 min) a respeito os diferentes tipos de democracia, entre eles: representativa, direta e participativa.

Com uso de slides, fazer um breve histórico ^(de 15 min) para explicar o conceito, remontando à Grécia antiga e demonstrando que este modelo de sociedade garante maior autonomia/ liberdade iguais que a concepção em contraponto às ditaduras, por exemplo.

A turma será dividida em três grandes grupos e eles deverão decidir as regras que vão organizar a sala de aula ^{de acordo com o caso}. No primeiro grupo, todos discutirão e elaborarão coletivamente um conjunto de regras, no outro eles terão que eleger dois representantes para elaborar as regras (somente os dois) e, no terceiro grupo, a professora entregará uma lista com itens a serem marcados por eles a fim de se estabelecer o acordo de convívio final.

A ideia é que em vinte e cinco minutos eles/elas consigam perceber as dificuldades e as vantagens do diálogo nos momentos de decisão, da complexidade que é conciliar os pontos e os interesses para que, a partir desta dinâmica, na aula seguinte a professora possa explicar em detalhes os métodos empregados nos países democráticos para realizar ações de ordem social e política.

Esta aula também servirá de importante gancho para compor o processo eleitoral, sobre a importância de os cidadãos estarem organizados seja no âmbito de vizinhos, estudantes, trabalhadores, sobre como é rico delegar o poder de decisão a outrem.

Os últimos dez minutos servirão para ouvir algumas impressões deles e motivar a reflexão sobre tudo que foi observado pela professora.

A aula consistiria, portanto, em: exposições de concerto, dinâmica de grupo e breve conclusões a partir das impressões dos/as estudantes.

Seria necessário um data show, um laptop, pen drive (com slides), quadro branco/piloto (para anotações ao longo do aula) e fichas com as regras estabelecidas pelo professor (para que estes estudantes animarem, simulando um método de democracia participativa).

Alguns autores que podem servir como referências são: J.H. Marshall, J.M. de Carvalho, W. Guilherme. A análise consistiria em observar a participação dos/as estudantes na dinâmica de grupo e as considerações finais, após a dinâmica.